



LYNN PAINTER

AUTORA DE MELHOR DO QUE NOS FILMES

intrinsicca

**MIL
VEZES
AMOR**

LYNN PAINTER

Tradução de Alessandra Esteche



Copyright do texto © 2022 by Lynn Painter
Copyright da tradução © 2024 by Editora Intrínseca Ltda
Publicado mediante acordo com Simon & Schuster Books for Young Readers, um
selo de Simon & Schuster Children's Publishing Division, Nova York, NY.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida
ou transmitida, em nenhuma forma ou meio, eletrônico ou mecânico, incluindo
fotocópia, gravação, armazenamento de dados ou sistema de recuperação, sem a
permissão por escrito da Editora Intrínseca Ltda.

TÍTULO ORIGINAL
The Do-Over

REVISÃO
Luíza Côrtes
Anna Clara Gonçalves

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

ARTE DE CAPA E IMAGENS DE MIOLO
© 2022 Liz Casal

DESIGN DE CAPA
Sarah Creech © 2022 by Simon & Schuster, Inc.

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Lázaro Mendes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P163m

Painter, Lynn
Mil vezes amor / Lynn Painter ; tradução Alessandra Esteche. - 1. ed. - Rio de
Janeiro : Intrínseca, 2023.
288 p. ; 21 cm.

Tradução de: The do-over
ISBN 978-85-510-0919-2

1. Romance americano. I. Esteche, Alessandra. II. Título.

23-86592

CDD: 813
CDU: 82-31(81)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2024]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303
22640-904 – Barra da Tijuca
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para
os solitários,
os sonhadores,
aqueles que encontram amigos nas páginas dos livros...

VOCÊS IMPORTAM, e garanto
que seu final feliz VAI chegar.
Às vezes, a espera é só um pouco mais longa
na vida real do que na ficção.



PRÓLOGO

VÉSPERA DO DIA DOS NAMORADOS

O Dia dos Namorados, uma data tão repleta de chocolates e corações, divide as pessoas em dois tipos.

Primeiro, temos os apaixonados pela comemoração, românticos incorrigíveis obcecados com a ideia do amor em si. Esse grupo acredita no destino, em almas gêmeas e na ideia de que o universo manda bebês alados praticamente pelados para atirar flechas em determinados solteiros, contagiando-os assim com uma paixão avassaladora e um grande “felizes para sempre”.

E temos também os céticos, as criaturas rabugentas que dizem que não passa de uma “data comercial” e defendem que, se o amor verdadeiro existe, ele devia ser declarado de maneira espontânea todos os dias e sem a expectativa de receber presentes.

Bem, eu não faço parte de nenhum desses tipos — mas, ao mesmo tempo, sinto que pertença a ambos.

Concordo que o Dia dos Namorados é uma data comercial *demais*, mas não vejo problema algum em curtir o ritual consumista da comemoração. Chocolates e flores estão liberados, ainda mais se incluir um vale-presente de uma livraria independente da cidade.

E, sim, acredito que o amor verdadeiro existe. Mas tenho grandes suspeitas de que destino, almas gêmeas e amor à primeira vista sejam invenções das mesmas pessoas que ainda esperam que o Papai Noel apareça com o cachorrinho que elas pediram quando tinham sete anos.

Em outras palavras, eu *com certeza* espero encontrar o amor, mas me recuso a ficar esperando que o destino faça isso acontecer.

Destino é coisa de perdedores.

Amor é coisa de quem sabe fazer um bom planejamento.

Meus pais se casaram no Dia dos Namorados depois de um mês de namoro. Eles se apaixonaram intensa e loucamente aos dezoito anos. De uma hora para outra e sem pensar em coisas como compatibilidade e diferenças de personalidade.

Embora essa atitude impensada tenha levado a, bem, *mim*, também levou a anos de discussões e gritarias que foram a trilha sonora da minha infância. Até que o relacionamento descambou para um término acalorado no jardim da nossa casa, ao lado da fonte com querubins.

Mas a incapacidade dos meus pais de serem racionais ao lidar com os sentimentos me deu o dom da sensatez, de aprender com os erros deles. Em vez de sair com garotos que me fazem suspirar mas não têm nada a ver comigo, só saio com quem vai bem na minha planilha de prós e contras. Com caras que, no papel (no caso, na planilha do Excel), compartilham pelo menos cinco de meus interesses, têm um plano de vida para os próximos dez anos e cujas vestimentas demonstrem que não são fãs de basquete.

E era por isso que Josh se enquadrava no papel de namorado ideal.

Ele preenchia todos os requisitos da minha lista para namoro em potencial desde que nos conhecemos, e seu desempenho melhorava a cada dia nos três meses que passamos juntos.

Então, naquela véspera do Dia dos Namorados, de frente para meu closet, escolhendo uma roupa arrasadora para o dia seguinte, eu me senti animada. Não com o Cupido ou com surpresas cósmicas épicas — eu estava empolgada com meus planos. Tudo estava muito bem orquestrado: o presente, as palavras que eu ia dizer e o momento apropriado para cada uma dessas coisas... O Dia dos Namorados ia ser exatamente como eu queria.

Perfeito.

Afinal, por que ficar esperando que o destino interfira, uma vez que eu mesma posso trilhar o caminho?

CONFISSÃO N° 1

Quando eu tinha dez anos, comecei a guardar papezinhos com confissões numa caixa no meu closet para que, caso acontecesse alguma coisa comigo, as pessoas soubessem que eu era mais que a garotinha comportada que seguia todas as regras.

O PRIMEIRO DIA DOS NAMORADOS

Quando meu alarme despertou, abri um sorriso. Primeiro, era Dia dos Namorados, e eu tinha um namorado de verdade — para completar, ele era um bom partido. Josh era inteligente, lindo e, sem dúvida, o aluno da escola Hazelwood que tinha a maior chance de ser bem-sucedido. Sempre que estudávamos juntos e ele colocava aqueles óculos intelectuais modelo tartaruga, eu podia jurar que meu coração pulava uma batida e disparava aquela doce fisgada que espalha uma sensação calorosa para minhas terminações nervosas.

Em retrospectiva, acho que aquilo devia ser mau funcionamento do meu organismo causado pela alimentação baseada em café e energético. Mas eu ainda não sabia disso.

Empurrei as cobertas e levantei da cama, ignorando o barulho de Logan respirando de boca aberta do outro lado do colchão. Meu meio-irmão de três anos gostava de entrar no meu quarto escondido no meio da noite para dormir comigo porque basicamente me achava incrível.

E Logan tinha razão. Dei uma olhada na agenda aberta em cima da minha escrivaninha e percebi que eu era *realmente* incrível. Cantarolei “Lover”, da Taylor Swift, enquanto colocava os óculos e consultava minha lista de afazeres do dia.

Listinha de tarefas para o Dia dos Namorados

- Reorganizar a pasta com as bolsas de estudos para faculdades que pretendo me inscrever
- Estudar para a prova de Literatura
- Lembrar minha mãe de mandar e-mail com a carteirinha do plano de saúde para o escritório
- Lembrar meu pai das reuniões de pais e professores e garantir que ele anote esses compromissos na agenda
- Mandar e-mail para a professora
- Trocar presentes com o Josh
- Dizer “eu te amo” para o Josh!!!!!!!!!!!!!!

Fiquei olhando para o último item, então peguei a caneta e desenhei corações ao redor. Nunca disse *essas* três palavras num contexto romântico antes, e como nosso aniversário de três meses de namoro caía JUSTAMENTE naquela data, era quase como se o universo tivesse planejado aquele momento *para mim*.

Animada, fui até o banheiro e abri o chuveiro. Quando coloquei a mão sob a água para verificar a temperatura, ouvi:

— Emmie, já está saindo?

Aff. Revirei os olhos e entrei embaixo da água.

— Acabei de entrar.

— Joel precisa ir ao banheiro — disse Lisa, a esposa do meu pai, que parecia estar com a boca colada na porta. — É uma situação de vida ou morte.

— Ele não pode ir lá em cima? — perguntei.

Coloquei um pouco de xampu nas mãos e esfreguei a cabeça. Adorava os gêmeos, mas morar com crianças pequenas às vezes era um saco.

— Seu pai está lá — explicou ela.

Soltei um suspiro.

— Me dê dois minutos — respondi.

Apressei o restante do banho, me recusando a deixar que a infeliz interrupção estragasse meu bom humor. Depois de me secar e vestir o roupão, passei correndo pela Lisa e pelo pequeno Joel, que se contorcia, e fui em direção ao meu quarto, que ficava no porão. Sequei meu cabelo cacheado com toda a tranquilidade do mundo — ainda cantarolando músicas românticas —, e então liguei o ferro de passar roupa e desamarrotei a manga direita do meu vestido. Eu sabia que meu melhor amigo, Chris, reviraria os olhos e me diria que eu era louca por me dar ao trabalho... Mas por que deixar a manga amarrotada se eu levaria só dois minutos para passar?

Eu me vesti e fui até a cozinha para devorar uma barrinha de cereal antes de ir para a escola. Quando abri a embalagem, dei uma olhada na torta que estava ao lado do micro-ondas; uma verdadeira tentação. Pois é, aquela linda torta francesa de chocolate devia estar incrível, pensei, dando uma mordida na barrinha de manteiga de amendoim com whey protein, mas começar o dia com açúcar e carboidrato não era uma boa ideia.

Desviei o olhar do doce e me concentrei em mastigar a barrinha proteica.

— Minha nossa, vai devagar.

Meu pai estava sentado à mesa, lendo o jornal e tomando café como fazia todos os dias. Seu cabelo era ruivo flamejante, o original potente da minha versão marrom-acobreada. Ele deu um sorriso sarcástico e continuou:

— Ninguém aqui sabe fazer a manobra de Heimlich.

— Mas isso não é um pré-requisito para ser pai? Como você e a Lisa têm filhos e não sabem desengasgar alguém?

Ele ficou olhando para minha boca cheia.

— Nós achávamos que nossas proles não sugariam a comida feito porcos. Mas pelo visto nos enganamos!

— Sabe o que acontece com quem tira conclusões precipitadas, né? — indaguei.

Ele deu uma piscadinha e voltou para o jornal.

— Sei. As pessoas começam a encher o saco.

Lisa entrou na cozinha com Logan apoiado em um quadril e Joel no outro.

— Ah, por favor, gente — protestou ela. — Podemos não falar essas coisas na frente das crianças?

— Eles não estavam aqui — rebati, com a boca cheia.

— E, na verdade, nós não falamos nada de mais — disse meu pai, dando outra piscadela.

Abri um pequeno sorriso, e Lisa me fuzilou com o olhar.

Eu alternava entre a casa da minha mãe e a do meu pai desde o divórcio, quando ainda estava no ensino fundamental, mas continuava sendo uma nômade que atrapalhava. Era assim nas duas casas. Para ser justa, Lisa não era uma madrasta má: ela era professora do jardim de infância, fazia meu pai feliz e era uma ótima mãe para os gêmeos. Eu só tinha a sensação de que estava incomodando.

Peguei minha mochila e a chave do carro, me despedi e corri para a porta.

O sol estava forte, embora o vento estivesse congelante, e tivesse nevado um pouquinho durante a noite, mas pelo jeito meu pai já tinha limpado as janelas do meu carro. Ouvi o celular tocar nas profundezas da mochila e consegui encontrá-lo a tempo de ver que Chris estava ligando por videochamada.

Atendi e ali estavam meus melhores amigos, sorrindo para mim na frente dos armários vermelhos do corredor da escola.

Sorri para a tela rachada do celular, para minhas duas pessoas favoritas no mundo inteiro.

Roxane tinha a pele negra, maçãs do rosto proeminentes e o tipo de cílios que as pessoas tentam imitar com extensão, e Chris tinha olhos castanhos com pálpebras fundas, uma pele incrível feito porcelana e cabelo preto cacheado que se destacava com perfeição. Se eles não fossem seres humanos incríveis, seria difícil não odiá-los pela aparência.

— Vocês já estão na escola? — perguntei.

— Já. E adivinha quem acabamos de ver? — questionou Chris, arqueando as sobrancelhas.

— Eu quero contar — interveio Rox, entrando na frente de Chris na tela.

— Eu vi, então eu conto — rebateu Chris, empurrando-a. — Josh já chegou. E ele guardou um embrulho no armário. Com certeza é um presente.

Dei um gritinho e comemorei. Em seguida, entrei na minivan antiga que meu pai insistia que era “cheia de personalidade”.

— Grande ou pequeno? — indaguei.

— Médio — respondeu Chris.

— O que é bom, né? — disse Rox. — Se fosse grande demais, seria um urso de pelúcia, e pequeno demais seria um cupom valendo abraços grátis. Médio é tudo de bom. Médio é o sonho.

Dei uma risada. O entusiasmo deles me deixava feliz porque até bem pouco tempo ambos não gostavam do Josh. Diziam que ele agia como se fosse melhor do que todo mundo, mas eu sabia que era só porque eles não o conheciam *de verdade*. Josh era tão inteligente e confiante que às vezes isso podia ser *confundido* com arrogância.

Então aquilo era um sinal de que eles estavam mudando de opinião.

O namorado da Rox, Trey, apareceu no fundo e acenou. Retribuí o gesto e desliguei, larguei o celular e pisei no acelerador. Finneas cantarolava docemente na rádio, e cantei a plenos pulmões cada verso de “Let’s Fall in Love for the Night”.

Mal via a hora de encontrar Josh. Ele tinha se recusado a me dar uma dica sobre o presente, então eu não fazia ideia do que esperar. Flores? Uma joia? Embora tivesse me custado boa parte do salário da cafeteria, comprei a pulseira de relógio que ele queria. Sim, eu estava falida, mas ver o rosto dele se iluminar ao abrir o presente faria tudo valer a pena.

Meu celular vibrou no banco do passageiro e dei uma olhada assim que parei num semáforo.

Josh: Feliz dia. Já chegou? E o que quer primeiro: poema ou presente?

Eu: Poema, com certeza.

Dei um sorriso, e o semáforo ficou verde. Conforme eu percorria o subúrbio, a música na rádio (meu carro obsoleto não tinha nem Bluetooth) mudou para uma gritaria qualquer, então comecei a procurar uma música que combinasse com aquele dia importante.

Billy Joel? Não.

Green Day? Negativo.

Adele? Hummm... talvez combine...

Olhei para o painel do rádio para aumentar o volume e ergui os olhos a tempo de ver que a caminhonete à minha frente tinha parado de repente. Pisei no freio, mas, em vez de parar, os pneus travaram e comecei a derrapar. *Droga, droga, droga!*

Não houve nada que eu pudesse fazer. Bati na traseira do veículo. Com força. Já estava preparada para a batida do carro atrás de mim, mas por sorte ele conseguiu frear.

Quase sem respirar, dei uma olhada e percebi que meu capô estava totalmente amassado. Mas a pessoa da caminhonete estava

saindo do veículo, o que significava que ela estava bem. Peguei o celular, abri a porta e desci para ver o tamanho do estrago.

— Você estava no celular, né?

Levantei a cabeça e dei de cara com Nicholas Stark, minha dupla de laboratório de Química.

— O quê? É óbvio que não!

Ele olhou para minha mão, que estava segurando o celular, e ergueu uma sobrancelha.

Qual era a probabilidade de bater no carro de alguém que eu conhecia? E ainda por cima alguém que nunca pareceu gostar muito de mim. Quer dizer, ele nunca foi babaca comigo, mas também nunca foi muito amigável.

No primeiro dia de laboratório, quando me apresentei, em vez de responder “Prazer” ou “Meu nome é Nick”, ele apenas me encarou por alguns segundos e disse “Tá”, e em seguida voltou a olhar para o celular. Em outra situação, quando eu sem querer derramei energético na mesa que dividíamos e pedi desculpa, em vez de dizer “Imagina” como qualquer pessoa faria, Nick Stark olhou para mim, apático, e declarou: “Talvez você devesse manejar na cafeína.”

Ele era um enigma. Nunca o vi fora da escola, e não parecia pertencer a nenhuma panelinha nem tinha um grupo de amigos. Embora estivéssemos quase no último ano do ensino médio, eu ainda não o conhecia muito bem.

E eu detestava isso.

— Foi você quem parou do nada no meio de uma rua movimentada — declarei.

— Tinha um esquilo atravessando a pista — respondeu ele, quase rosnando.

Respirei fundo e mentalmente recitei meu mantra: *Você está no comando, você está no comando.*

— Olha só, Nick. Não culpe o pe...

Ele apertou os olhos.

— Desculpa, eu te conheço? — interrompeu ele.

Cruzei os braços. Foi a *minha vez* de apertar os olhos.

— Está falando sério? — indaguei.

— Você estuda na Hazelwood?

Ele estava brincando? Nick sempre fora monossilábico comigo, mas aquilo era demais.

— Eu sou sua *dupla de Química* — expliquei. — Sentamos juntos no laboratório o ano inteiro, lembra?

— É você?

Ele analisou meu rosto como se não tivesse certeza se devia acreditar em mim.

— Sim, sou eu!

Já estava ficando estressada. Tinha grandes planos, mas aquele garoto intragável estava me impedindo de fazer o Dia dos Namorados perfeito acontecer.

E também não se lembrava de mim, o que era... Surreal.

— Você tem seguro, né? — perguntou ele.

— Inacreditável — murmurei, olhando para a velha camionete vermelha cuja traseira parecia intacta e... velha. — Não estou vendo nenhum estrago. Pelo menos não na traseira.

— Seguro, por favor.

Ele estendeu a mão e esperou. Fiquei com vontade de empurrá-lo por causa daquele gesto que tentava mostrar superioridade, mas Nick era bem mais alto que eu e tinha ombros largos que não pareciam ceder tão facilmente.

Então, em vez disso, peguei a mochila no banco do carona e abri o porta-luvas para pegar o pequeno fichário que deixei ali no dia que ganhei a minivan. Abri a divisória amarela, que era a seção “Em caso de acidente”, e tirei o cartão do seguro da capinha de proteção.

Entreguei-o a Nick, que semicerrou os olhos.

— Você guarda seus documentos num caderno?

— Não é um caderno, é um fichário de emergência.

— E a diferença é...?

— É só um jeito de manter tudo protegido e organizado.

Ele olhou para o fichário.

— Tudo? O que mais tem aí?

— Uma lista de mecânicos, guinchos, instruções de primeiros socorros... — Revirei os olhos. — Quer mesmo que eu continue?

Nick me encarou por uns cinco segundos e em seguida resmungou alguma coisa, que pareceu um “Não mesmo”. Ele tirou uma foto do cartão com o celular e depois insistiu em chamar a polícia quando começou a sair fumaça da minha minivan. Tentei insistir que estava tudo bem — droga, eu precisava chegar logo à escola e ouvir o meu poema —, até que o motor começou a pegar fogo e os bombeiros tiveram que apagar.

Aff, meu pai ia me matar.

E depois minha mãe ia esconder meu corpo. Não restaria mais nada.

E eu só poderia ouvir o poema do Josh depois do primeiro tempo de aula.

— Aqui, toma — disse Nick, que tinha acabado de pegar um casaco em sua caminhonete. — Sei que não combina com a sua roupa, mas é quentinho.

Quis recusar porque o culpava por todo aquele desastre, mas eu estava congelando. Achei aquele vestidinho rosa da Ralph Lauren bonito demais para cobrir com um casaco, mas isso foi antes de ficar parada no frio, vendo meu carro virar uma fogueira.

— Obrigada — respondi, vestindo o casaco verde-musgo que ia quase até os meus joelhos.

Nick cruzou os braços e observou os socorristas limpando os destroços.

— Pelo menos já era uma lata-velha — comentou ele.

— Acho que você quis dizer “um clássico” — rebati, embora detestasse aquela minivan.

Tinha alguma coisa em Nick e no fato de não ter me reconhecido que me fazia querer discutir com ele.

Ele cruzou os braços e perguntou:

— Você está bem?

Dei um sorriso falso.

— Estou ótima!

Olhei para o celular. Nenhuma notificação. Meus pais não atenderam quando tentei ligar, o que não era uma surpresa. Queria muito mandar mensagem para o Josh, mas evitei lembrar Nick de que talvez eu estivesse distraída quando bati no carro dele.

O policial chegou logo depois dos bombeiros e foi mais ou menos simpático ao preencher o boletim de ocorrência que com certeza me deixaria de castigo.

Aff.

O guincho foi embora com a minha minivan.

— Quer carona? — perguntou Nick. — Já que estamos indo para o mesmo lugar... E você está vestida *assim*.

Olhei para minhas botas de couro marrom e minhas pernas nuas. Percebi que estava cerrando os dentes para evitar que batessem.

— Assim como?

— Com essa roupa ridícula.

— *Ei!*

Nick teve a ousadia de dar um sorriso travesso.

— Não estava criticando seu estilo. Não se preocupe, você se parece exatamente com uma... hã... *namorada de jogador de polo*. Quis dizer que suas pernas estão de fora e está fazendo uns... seis graus negativos. Carona, que tal?

Engoli em seco e enfiei o nariz congelado na gola do casaco. Cheirava a inverno e óleo de motor.

— Hum, sim. Acho que vou aceitar.

— Não vai *agradecer*?

Abri um pequeno sorriso.

— Muito obrigada, meu belíssimo salvador.

— Isso aí.

Entrei na caminhonete, bati a porta pesada e coloquei o cinto de segurança. O motor roncou alto, então Nick desligou o piscar-alerta e partiu em direção à escola. Qualquer que fosse a banda raivosa ressoando naquele rádio antiquado era terrível e barulhenta demais.

— O que é *isso*? — indaguei.

Abaixei o volume daquela porcaria de música e levei meus dedos congelados para a frente do aquecedor.

— Se estiver falando da música, é Metallica. Como assim você não conhece?

— Hum... Deve ser porque tenho bom gosto e não sou um avô.

Isso o fez abrir um sorriso.

— Então o que *você* escuta quando está dirigindo, dupla de Química?

Estava apaixonada pelo álbum *Rumours*, do Fleetwood Mac, mas dei de ombros.

— Meio que só escuto a rádio.

— Coitadinha, desprovida de música de qualidade.

— Você quis dizer privada de gritaria ininteligível.

Ele aumentou o volume e sorriu para mim.

— Escuta um pouco. A raiva deles dá uma sensação boa, né? Sinta, Bico de Bunsen... respire a música.

— Não, valeu.

Bico de Bunsen... *Que engraçado.* Balancei a cabeça, mas não consegui conter um sorriso quando o Metallica soltou o título da música, “Blackened”, em um grunhido que preencheu a caminhonete.

— Eu posso lidar com a minha própria raiva, obrigada — completei.

Depois de um tempinho em silêncio, Nick abaixou o volume da música e deu a seta quando nos aproximamos do estacionamento da escola. Mudou a marcha, que ficava ao lado do volante, reduzindo para a segunda ao virar.

— Nossa. Esta caminhonete tem câmbio de três marchas na coluna de direção? — perguntei, talvez parecendo entusiasmada demais.

Ele franziu o cenho.

— Como é que *você* sabe dessas coisas?

Cruzei os braços, me sentindo descolada.

— Eu sei de várias coisas — declarei.

Ele sorriu, travesso.

— Bem, é muito bom saber disso.

Espera... Será que ele achava que eu estava dando em cima dele?

— Não foi *isso* que eu quis dizer.

Nick deu uma risadinha profunda e rouca, e eu senti minhas bochechas queimarem.

Continuei:

— Meu pai tinha um carro assim... Ah, deixa pra lá.

Ele entrou no estacionamento.

— E ele te ensinou a dirigir? — perguntou ele.

— O quê? — questionei, pegando o brilho labial da mochila.

— Seu pai ensinou você a dirigir o carro com câmbio na coluna de direção?

— Não.

Abaixei o quebra-sol para me olhar no espelho e passei o brilho labial. Lembrei-me de todas as vezes que meu pai prometeu me ensinar e acabou ficando ocupado demais com o trabalho ou com os meus irmãos e não cumpriu a promessa.

A caminhonete deu um arranco quando Nick virou no fim da primeira fileira de carros.

— Que pena — disse ele. — Todo mundo devia saber dirigir um carro manual.

É, devia mesmo.

Fechei o quebra-sol e pensei no carro do meu pai, um Porsche maravilhoso que sempre disse que seria meu quando terminasse de ajustar o câmbio.

Mas fazia três anos que ele tinha terminado.

— A propósito, você contou aos seus pais que seu carro pegou fogo? — indagou ele, dando uma olhada para meu celular, como se estivesse esperando que eu começasse a escrever uma mensagem.

Olhei pela janela. Por um lado, era bom que nenhum dos dois tivesse me ligado de volta, porque adiava o problemão em que eu estava prestes a me meter. Mas também doía um pouco que eles não se preocupassem com o motivo pelo qual eu tinha tentado entrar em contato quando devia estar na escola.

Em vez de explicar emoções complicadas, respondi:

— Não, pensei em fazer surpresa.

— Boa ideia.

Nick estacionou numa vaga coberta de neve, e me lembrei de que ainda era Dia dos Namorados. Eu podia ter destruído meu carro e logo meus pais iam acabar comigo, mas em alguns minutos estaria com Josh. Ele lia poesia para mim, me daria meu presente, eu diria aquelas três palavrinhas mágicas e todo o restante desapareceria.

Nick desligou o motor, e eu abri a porta.

— Bem, espero que você tenha um bom Dia dos Namorados.

— Que se dane o Dia dos Namorados — respondeu ele, falando como se eu tivesse acabado de ofendê-lo. — Odeio essa droga de dia.

Desci da caminhonete, tirei o casaco e o devolvi quando ele deu a volta no carro.

— Bem, então tenha um bom dia — declarei.

— Beleza. Obrigado — respondeu ele, jogando o casaco na traseira da caminhonete.

Emilie Hornby acredita no amor verdadeiro, mas é do tipo que se recusa a ficar sentada esperando o universo mandar sinais. Afinal, por que esperar ser atingida pela flecha do Cupido se ela mesma pode trilhar seu caminho até o “felizes para sempre”?

Por isso, a jovem decidiu planejar o Dia dos Namorados perfeito. Comprou um presente incrível e vai dizer “eu te amo” pela primeira vez para Joshua Sutton, seu namorado maravilhoso, o único garoto que preenche a maioria de seus requisitos. Só que o dia se revela um completo desastre...

Depois de bater na caminhonete de Nicholas Stark — seu irritante, sarcástico e charmoso colega de classe —, perder a bolsa de estudos do tão sonhado curso de verão, receber a notícia de que seu pai se mudará em breve e, para piorar, flagrar Josh beijando outra garota, Emilie só quer dormir e esquecer tudo. Mas, no dia seguinte, quando ela acorda, é Dia dos Namorados outra vez. Como em um pesadelo, o pior dia de sua vida passa a se repetir de novo e de novo. *Todos os dias.*

Desesperada, Emilie cria diversos planos para sair desse ciclo desastroso. Em cada nova tentativa, Nick Stark ressurge em seu caminho de diferentes maneiras, e, aos poucos, os dois se tornam amigos. Com a ajuda dele, Emilie vai viver como se (literalmente) não houvesse amanhã e descobrir que a vida pode ser bem mais divertida sem roteiro. Ideal para fãs de comédia romântica, o livro traz uma narrativa única, divertida e apaixonante repleta de referências memoráveis às músicas da Taylor Swift.

Saiba mais:

<https://intrinseca.com.br/livro/mil-vezes-amor/>

